

ANÁLISE DOS EPISÓDIOS EXTRAS DO PODCAST HISTÓRIAS MARGINAIS¹

Caio da Silva Luiz², Viviane Trindade Borges³

¹ Vinculado ao projeto “Arquivos Marginais”

² Acadêmico (a) do Curso de História – FAED – Bolsista CNPQ

³ Orientador, Departamento de História– FAED – Viviane.borges@udesc.com

O projeto de pesquisa “As prisões são patrimônio? Práticas asilares, políticas de memória e processos de patrimonialização, diálogos entre Brasil e Portugal”, possui apoio FAPESC (Edital Universal), e é parte das ações do Arquivos Marginais, uma plataforma de ações que envolvem pesquisa, extensão e ensino em instituições de confinamento/internamento, bem como as experiências das pessoas atravessadas por estes locais. As ações realizadas envolvem a preservação e organização dos acervos disponibilizados, exercendo ações que valorizam a memória destas instituições marginais contribuindo para a mudança das imagens atribuídas a esses espaços.

Uma das é a produção do podcast Histórias Marginais, uma narrativa storytelling produzida a partir dos prontuários cedidos pelo IDCH para pesquisa. A primeira temporada (Histórias Efêmeras) busca retratar o quão complexo e delicado é o trabalho com esses tipos de fontes, mostrando anos ou até mesmo décadas da vida de sujeitos encarcerados e objetiva sensibilizar o público de fora do campo acadêmico que para além do dilema das fontes se depara com histórias marcantes dentro da penitenciária. Como a ideia central da produção do podcast Histórias Marginais é a comunicação entre o projeto acadêmico e o público geral, para além das narrativas apresentadas a fala de três personalidades com experiências no campo das instituições de reclusão social, professor Dr. Marcos Bretas, professora Dra. Sandra Caponi e professor Dr. Fernando Salla. Cada professor possui um episódio dedicado a suas falas sobre a produção do podcast e sobre a instituição carcerária brasileira e suas influências na vida social e individual dos sujeitos.

O episódio referente a fala do professor dr. Marcos Bretas, traz a discussão sobre o fascínio sobre o tema da vida dos sujeitos dentro da prisão, e como a vivência dessas pessoas perpassa os muros da instituição. Ainda sim é uma vivência que mesmo causando a curiosidade popular se mantém o mais distante possível da vida comum, se olha para essas histórias como se

olha para uma espécie e zoológico. Mesmo admirando a as relações entre os sujeitos ali inseridos e a instituição é necessária a afastamento da vida social para essas pessoas. Também é discutido a dificuldade e delicadeza de trabalhar com narrativas de pessoas que certas vezes querem ser esquecidas, querem ocultar esse passado existente e tem direito a essas demandas. O historiador nesses casos recorre a designação de codinomes muitas vezes, mas quando se trata de um crime que se tornou famoso? O nome que se quer ocultar foi estampado em capas de jornais? Os dilemas éticos enfrentados pelos historiadores se alteram evidenciando a questão de até que ponto a anonimidade desses sujeitos é possível de ser mantida e assim seu direito ao esquecimento seja preservado?

A análise dos episódios feita pela professora Dra. Sandra Caponi traz uma perspectiva sobre os “tipos a parte” sujeitos que não se encaixam plenamente nem no âmbito criminal, nem no psiquiátrico, mas que ainda sim são considerados perigosos e devem ser afastados do convívio social. O que definiria um tipo a parte? Quem faz essa definição de quem é ou não é um perigo para a manutenção de uma paz social? A discussão sobre como as instituições não apenas rotulam essas personalidades, mas as constroem dentro de seus espaços é exemplificada pela professora Dr. Sandra Caponi, pela pressão exercida para encaixar esses sujeitos ou dentro do campo do crime ou no da loucura. O limiar entre crime e loucura e como a movimentação entre penitenciária e hospitais psiquiátricos se faz presente na realidade carcerária, em uma atribuição de distúrbios psicológicos a casos de frustração por se encontrar preso ou por apresentar comportamentos que seriam divergentes ao comportamento de um sentenciado é bem exemplificado pela pesquisadora durante sua fala. Caponi com essas pontuações retrata a importância do historiador em não apenas dar voz a essas personalidades silenciadas, mas compreender a influência das instituições de reclusão na construção dos estereótipos de loucura e periculosidade.

O professor dr. Fernando Salla apresenta em seu episódio um comentário sobre o episódio “Recortes de Jornal” explicando que o cerne da instituição carcerária é público e o que se passa dentro desse espaço deveria ser de conhecimento popular. Também fala sobre os preconceitos envolvidos com a fala de um alguém que comete um crime como no caso do episódio “Recortes de Jornal”, o desprezo com as denúncias feitas pelo detendo por meio das cartas justamente pelo fato de ele ter cometido um crime. A desvalorização do indivíduo, como se por carregar em sua história a marca do crime não devesse ter acesso a condições mínimas dentro da penitenciária. O

pesquisador fala também sobre a importância das ciências humanas para o desenvolvimento de pesquisas que busquem de alguma maneira retratar essa realidade e com isso possibilitar alguma mudança dentro das instituições marginais.

Os comentários dos pesquisadores e professores dentro da produção do podcast histórias marginais, foi pensado como uma forma de vincular as narrativas do storytelling as pesquisas do campo acadêmico de forma mais evidente. Tendo intenções de mostrar para o público geral como se mostra os desafios da pesquisa que foi necessária para a construção desses episódios. Para além dos objetivos primários das falas dos pesquisadores, foram evidenciadas diversas problemáticas acerca das instituições pesquisadas e as influências das mesmas na vida pública e individual dos sujeitos ali inseridos, problemáticas que vem sendo usadas para a produção das próximas temporadas do projeto Histórias Marginais

Palavras-chave: Podcast. Penitenciária. Hospital psiquiátrico. Fontes difíceis.